

A CONSTRUÇÃO E DESCONSTRUÇÃO DO MITO MICHAEL JACKSON SEGUNDO A REVISTA VEJA

Caroline Meyer Wilde Janot (IC) e Francisco Redondo Periago (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackenzie

RESUMO

O fascínio pela vida alheia mitifica pessoas. Cantores, atores e atletas são catapultados a títulos maiores que a vida, tampouco para a mídia que alimenta e constitui a opinião pública, só é válido continuar a embasar essa ideia quando esses personagens dão margem para tal. Escândalos e polêmicas na vida pessoal enfraquecem esse simulacro. O cantor Michael Jackson foi o exemplo perfeito dessas construções embasadas pela mídia. Quando criança era o prodígio da voz angelical, na juventude alcançou o máximo do estrelato ao lançar álbuns como Off The Wall, o revolucionário Thriller e Bad, na maturidade tornou-se um maluco por uma série de polêmicas e acusações de pedofilia mal explicadas.

A revista Veja exerceu em terras brasileiras um modelo muito semelhante com aquele que a imprensa estrangeira já vinha fazendo com a imagem do cantor, a ideia do mito é construída com a mesma velocidade com que é desfeita. A morte repentina do astro povoada de mistérios serviu como uma borracha para apagar qualquer rastro de anos de polêmicas e fazer com que Michael fosse o inesquecível Rei do Pop novamente.

Palavras-chave: Mito. Michael Jackson. Revista Veja

ABSTRACT

The wonderment for another people's life creates myths. Singers, actors or even athletes are lauded to a title that became bigger than life. Although, for the media that fabricate this reality and bring form to the public opinion, it's only worth when those people's behaviour are condition to this title. Escandals and polemics in the private life weakens this simulation. The singer Michael Jackson was the perfect example of this construction. In the childhood, was a prodigious talent with an angelical voice, on the youth hits the stardom by launching records like Off The Wall, Thriller and Bad. Later, he became a crazy guy with tons of stunts and false allegations evolving his name.

The Veja magazine was the brazilian representant of something that had already been done with international publications that creates a misconcepted about singer's image. Myths are created and suddenly dissapears, his primature death full of mysteries was like a comet that erases any sign left by years full of polemic and suddenly he's the King of Pop again.

1. INTRODUÇÃO

Com a consolidação dos meios de comunicação em massa no final da Segunda Guerra Mundial, a mídia cristalizou seu costume de construir e desconstruir mitos. O estudo a seguir busca entender a importância de figuras míticas nas formações humanas dado que a construção e desconstrução dos mitos feita pelas mídias impressas, em especial da Revista *Veja* possuem papel decisivo para a perpetuação de um determinado veículo como formadora de opinião. Tendo como base o caso do cantor Michael Jackson será realizada uma abordagem teórica e exploratória resultando numa análise qualitativa sobre o discurso difundido pela Revista *Veja* acerca da figura de Michael Jackson em seis edições diferentes.

De acordo com o semiólogo francês Roland Barthes em seu livro *Mitologias*, o poder do discurso aliado à força midiática da figura mítica resulta na criação de ícones que beiram o divino. Desde a Antiguidade, as sociedades humanas constroem mitos e encontram neles um meio para explicar suas próprias contradições, inquietações, dúvidas e paradoxos. Em seu livro, *O poder dos Mitos* (1997, p.127), Joseph Campbell pontua que os mitos tais como os heróis existem para corresponder às necessidades sociais que demandam por seres com habilidades especiais que sejam capazes de reunir as tendências individualistas da massa em seu comportamento, e assim estejam aptos para superar de forma excepcional os problemas do convívio humano. Edgard Morin em seu livro *Cultura de Massa no Século XXI* define como olímpianos as mais diversas personalidades, sejam elas cantores, atores, expoentes das artes ou líderes religiosos que são engrandecidas às condições de seres "superiores", tanto os mitos olímpianos de Morin como os personagens elevados a essa condição de superestrelas pela mídia, esse fenômeno culmina em um processo que vende jornais e sustenta a publicidade com a movimentação de marcas das mais diversas ordens deixando esses tais "mitos" acima do bem e do mal para fins consumistas. (MOTA,R.;LINHARES R.N.,2011)

Ao colocar a Revolução Industrial como a mola propulsora para a criação de mitos, as diversas transformações acontecidas durante o século XIX, no mesmo período em que as bases fomentadoras do funcionamento da mídia começam a ser estabelecidas, a religiosidade vai aos poucos perdendo a força que tinha séculos antes, dando lugar ao sagrado papel da indústria e do trabalho

Com a Revolução Industrial, a religiosidade entra em crise, e a televisão e o cinema lideram as formas de entretenimento, retirando parte do tempo dedicado aos deuses e às questões transcendentais (...) O homem torna-se "sujeito" e o mundo seu "objeto". A partir daí, a magia das religiões pouco a pouco se desloca para a magia da tecnologia e do endeusamento do pensamento humano (MARTINS ESCUDEIRO, 2012, p.18, aspas do autor)

Diante do pressuposto de que o consumismo e a criação mítica estão intimamente atrelados, tal como dito pelo filósofo italiano Umberto Eco em sua obra "Apocalípticos e Integrados" onde afirma que a figura mítica simboliza um conjunto de aspirações coletivas, sua imagem aglutina o comportamento do imaginário de uma determinada época. A identificação necessária entre a personagem midiática e o público se dá justamente na "humanidade" deste mito. Tal identificação com o consumidor pressupõe mais vendas e, portanto mais lucros. O que leva a compreender a razão da consolidação dos Estados Unidos ao final da guerra e o surgimento de tantos mitos.

É nesse sentido que se estabelece o chamado "jornalismo de celebridades", em que há uma interpretação dos famosos como produtos que também podem ser vendidos, em uma nítida consequência da consolidação de uma sociedade estritamente imagética.

"[...] sem dúvida o nosso tempo prefere a imagem à coisa, a representação à realidade, a aparência ao ser" (FEURBACH apud: COELHO, 2006, p. 69)

Há uma materialização do conceito de indústria cultural, onde a notícia e a cultura (o que inclui, pessoas, figuras e costumes) são produzidas e difundidas em escala industrial com a única finalidade de atender a demanda do público. Esse tipo de jornalismo busca atender ao interesse do público e não ao interesse público.

"O crescimento do Jornalismo de Celebridades tem impulso no entretenimento, uma das principais marcas da sociedade da informação. A ordem do tempo é agradar a todos e atender o que o público quer ouvir. As pessoas projetam se na vida dos famosos e assim consomem as informações passadas por veículos especializados em discutir a vida alheia". (FRANÇA GUSMÃO ,2010, p.13)

A curiosidade pela vida alheia e a necessidade de sempre produzir notícia de interesse do público acabam resultando no boato, que mesmo na maioria das vezes sendo associado à mentira e, portanto indo contra aos supostos pilares do jornalismo quanto à credibilidade, ele também tem dupla função, tirando das fontes oficiais (assessorias de imprensa) o poder absoluto como destacado por Fábria Dejavitte

O boato pode desempenhar papel relevante quanto sacia as necessidades de informação do fã/leitor/ouvinte/telespectador, permite uma visão multifacetada de um determinado fato ou cria uma resistência da socialização contra a ditadura das fontes oficiais de informação (DEJAVITE, 2002, p.14).

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

2.1 O mito e a indústria cultural

A necessidade de tornar a vida do homem mais interessante – função essa inicialmente designada ao mito, atrelada a ânsia de uma produção em escala industrial da notícia culminam com o que seria a chamada “sociedade do espetáculo”. Tal termo parece explicar o mesmo comportamento inicialmente associado aos mitos da Grécia antiga – tornar a vida dos homens mais interessantes, no mundo moderno tampouco, ganhou novos formatos encabeçado pelo fenômeno do espetáculo que seria tudo aquilo que falta ao homem comum, tal como afirmado por José Arbex Júnior em seu livro “Showrnlismo: A sociedade como espetáculo”. De modo semelhante Cláudio Novaes Pinto Coelho afirma que tal fenômeno foi impulsionado pelo crescimento do capitalismo que passou a mercantilizar todos os aspectos do domínio social.

Na sociedade do espetáculo, as relações sociais se dão simultaneamente por meio da produção e do consumo de mercadorias e da produção e do consumo de imagens. O que distingue o modo de produção capitalista de outras formas de vida social é a tendência para a mercantilização de todas as relações sociais (NOVAES, 2014, p.06)

As décadas de 1940 e 1950 foram períodos de grande efervescência cultural, após o término da Segunda Guerra, os Estados Unidos se estabeleceram como a grande potência mundial e exportavam para o mundo novas formas de se consumir entretenimento, como afirma Douglas Kellner em seu livro *Cultura de Mídia*:

Como fenômeno histórico, a cultura da mídia é relativamente recente. Embora as novas formas da indústria cultural - constituídas por cinema, rádio, revistas, histórias em quadrinhos, propaganda e imprensa-, tenham começado a colonizar o lazer e a ocupar o centro do sistema de cultura e comunicação nos Estados Unidos e em, outras democracias capitalistas, foi só com o advento da televisão, no pós-guerra, que a mídias e transformou em força dominante na cultura, na socialização, na política e na vida social (KELLNER, 2001, p.26)

Hollywood estava a todo vapor e apresentava ao mundo estrelas como Marilyn Monroe, Rita Hayworth e Marlon Brando. Na música, Elvis Presley arrastava multidões

por onde passava, iniciava-se aí a formação dos principais mitos culturais modernos que resistem ao imaginário popular até os dias de hoje.

2.2. O mito Michael Jackson

Se nos anos 50 foi Elvis, os anos 80 têm como seu maior expoente a figura de Michael Jackson – que talvez represente com mais precisão a capacidade da mídia e acima de tudo, da maneira com que discurso jornalístico o representa na forma de construir e desconstruir o mito de uma figura. A mesma mídia que o consagrou Rei do Pop, anos depois, após uma série de escândalos viria a condená-lo e tentar destruir sua figura de ícone tirando o foco de suas habilidades artísticas apresentando apenas no seu lado controverso. Entretanto, como observaram os primeiros estudiosos, a cultura é compartilhamento de significados, e é na linguagem onde esses significados são produzidos e trocados que damos sentido às coisas. Amparados por nosso comportamento, escolhas e gostos significado do discurso pode ganhar um novo sentido. É evidente que o comportamento de Michael Jackson deu margem para o tom das publicações a respeito, estranho, porém como uma série de polêmicas pareceu por um momento apagar por completo o artista exaltado pela mídia no passado. Segundo Bárbara

Soalheiro e Ivan Finotti (2004), no artigo *“Michael Jackson: Peão do Pop”* publicado na Revista Superinteressante sua construção e desconstrução aconteceu em fases que foram meticulosamente orquestradas pela própria mídia que o criou.

Um rei do pop, seja ele quem for, já nasce com seus dias contados. Um rei do pop passa por fases: ele é construído, é idolatrado, torna-se um excêntrico, depois um megalômano e, finalmente, é destruído. São essas cinco etapas que vão mostrar, como um rei não passa de um mero peão no jogo do mundo pop. (FINOTTI, SOALHEIRO)

As publicações que antes davam atenção somente para aquilo que tinham como excentricidades, com a sua morte passaram a enaltecer o grande talento que Michael era, o que nos revela a grande hipocrisia desse meio. No trecho abaixo retirado de um artigo de Maurício Caleiro para o Observatório da Imprensa, define esse êxtase gerado pela sua morte e o apagamento de outros aspectos da vida do ídolo que um dia geraram manchetes de “necrolatria”

“Essa outra face do ídolo como que desapareceu por encanto com o anúncio de sua morte, dando lugar a uma espécie de ‘sessão nostalgia’, a um tempo celebratória e fúnebre. Michael voltou a ser referido como ‘um meninoprodígio’, ‘o artista maior’, ‘o maior dançarino de todos os tempos’. Nos quatro cantos do mundo, hordas de fãs improvisam altares repletos de bilhetes e flores; os ingressos para seu velório são disputados a tapa. A ‘necrolatria’ se revela como neurose coletiva.” (CALEIRO, Maurício. “A morte como espetáculo”. Observatório da Imprensa. 09 de julho de 2009)

2.3 O papel da Revista Veja

A histeria gerada pela morte ilustra a preferência de uma sociedade espetacular pela tragédia, em especial a morte. A revista Veja foi uma publicação atuante na formação dessa histeria coletiva ocasionada pela morte devido a sua natureza de ser um veículo participante do processo de manipulação da cultura de massa, tal como afirma Maria Ribeiro do Valle em seu artigo “Veja, sociedade do espetáculo e indústria cultural”

“Se aproxima cada vez mais da lógica da sociedade do espetáculo que, segundo Guy Debord interfere na capacidade do homem de ver e interpretar criticamente o mundo, alienando-o da sociedade (...) Na sociedade do espetáculo há a uniformização exercida pela cultura de massa (...) Há a perversão da vida moderna que prefere a imagem e a representação ao realismo concreto e natural, a aparência ao ser, a ilusão à realidade, a imobilidade à atividade de pensar e agir com dinamismo (...) A Veja passa a ser, segundo a nossa leitura, um veículo de espetacularização, uma vez que ela divulga modos de vida e padrões de comportamento principalmente numa época de uniformização da cultura, ou seja, de valores, regras e deveres moldados segundo uma minoria capitalista dominante” (NOVAES, 2014 apud RIBEIRO DO VALLE, 2014, p.15)

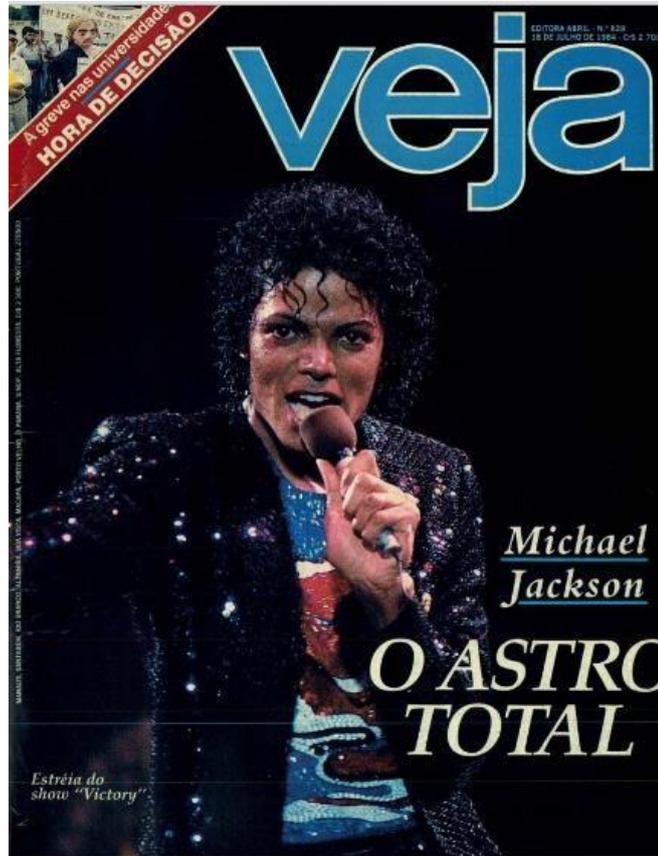
A essência de veículo das massas carregada pela revista faz compreender como a Veja acabou por ser a maior atuante tanto na construção como na destruição do mito de Michael Jackson na imprensa brasileira.

Nos anos 80, as esquisitices de Michael, funcionavam como estratégia de marketing, porque na época fazia boas músicas. O disco Thriller vendeu 50 milhões de cópias, recorde ainda imbatível no mundo da música. Nos anos 90, no entanto, a criatividade artística acabou, e ficaram só as bizarrices, que deixaram de ser engraçadas quando surgiram as primeiras acusações de pedofilia. (*A HISTÓRIA* de um anjo decaído, Revista Veja, São Paulo, Ed. 1830, nº 47, 26 de novembro de 2003)

A trajetória de Michael Jackson ilustra a capacidade cíclica do jornalismo midiático em renovar os mitos que alimenta. A adoração prolongada a uma única figura torna ineficaz o papel jornalístico em ser observador e crítico assíduo do meio resultando

no descrédito da população que passa a enxergar tal veículo como “comprado” ou sem imparcialidade.

2.4 O ASTRO TOTAL – A coroação de um ídolo



O sucesso de Michael Jackson e da sua recente turnê são assunto de capa da Veja

Segurando o microfone de forma confiante, Michael Jackson estampa a capa da Veja (Edição 828 - julho de 1984) cantando em meio a estreia da Victory Tour - seu mais recente tour ao lado dos irmãos - O cantor estava vestido com a característica jaqueta de lantejoulas e uma blusa com detalhes em azul que combinam com o título da revista. Segundo o Dicionário de Símbolos a cor faz alusão ao divino e a verdade - o que simboliza o compromisso da publicação com os fatos.

Sob o título de "O ASTRO TOTAL" em letras maiúsculas, a arte da capa busca reafirmar por meio do título toda a imponência que o cantor demonstra na foto. É interessante notar que o mesmo azul que preenche o logotipo da revista também sublinha o nome do artista, como se ele também fosse alguma espécie de semideus.

Outro detalhe importante também está no fato do "V" de Veja estar posicionado estrategicamente acima da cabeça de Jackson - como se fosse uma coroa.

A edição que dedicou sua matéria de capa a estreia da Victory Tour descrevendo o espetáculo como surpreendentemente interessante e diversos efeitos especiais que em muito remetem aos filmes intergalácticos. Além de falar de toda a performance brilhante de Michael Jackson no palco descrevendo literalmente como um ser de outro planeta, a matéria também aborda os números impressionantes que a turnê vinha arrecadando até então. Tal matéria significa a coroação de Michael Jackson na Veja.

As páginas começam com um trocadilho já no lead¹ revista usa o adjetivo “triunfo” fazendo alusão ao álbum anterior de Jackson e seus irmãos chamado “Triumph” e lançado quatro anos antes. Apesar de quase sempre passar despercebido esse trabalho ainda junto de seus irmãos, demonstra ser uma metáfora da predileção do cantor pela mudança, o disco foi lançado pela Epic Records em Outubro de 1980, porém sob o selo de um novo selo criado por Michael e um de seus irmãos “Peacock Productions”². No encarte do álbum, existe uma explicação para a escolha do nome

“Durante anos, o pavão foi lembrado pela sua atrativa e ilustre beleza. De todas as famílias de pássaros, o pavão é a única espécie que integra todas as cores em um, e demonstra seu fogo radiante quando está apaixonado. Nós, assim como o pavão, tentamos unir todas as raças em uma só, por meio do amor e do poder da música.” (THE JACKSONS, “Triumph”, Epic Records. 1978)

¹ *lead: significa conduzir, liderar. Segundo o Manual de Redação da Folha o jornalismo usa o termo para resumir a função do primeiro parágrafo: introduzir o leitor no texto e prender sua atenção.

² *peacock: pavão em inglês

Michael Jackson e os músicos no estádio Arrowhead, em Kansas City: a estreia durante do show mais espetacular...
...é contrastado dos últimos anos

Música

Michael, o magnético

Com o show Victory, Michael Jackson celebra seu triunfo

Criado por cinco desconhecidos músicos irregulares, o caso-miraculo de sucesso premiado enfureceu uma família de viciados no rock. Subitamente ele vai ao céu das estrelas, quando está prestes a ser desmontado, surge com uma equipe de elite para lutar. Em minutos os concertos são planejados e o cavaleiro, do alto de uma montanha, ergue os braços e emite seu leão de vitória: "Bem-vindos à terra de aviação". Para as 45 000 pessoas que assistem a uma festa no interior palco de um anfiteatro montado no estádio Arrowhead de Kansas City, uma das principais cidades do região metropolitana dos Estados Unidos, no dia 24 de 8, tem o momento mais emocionante de suas vidas: o cantor mais famoso do mundo se apresenta em um show que vai ser transmitido ao vivo em todo o mundo.

Naquele instante, quando um dos acontecimentos independentes de uma noite, ele faz história de maneira mundial a primeira apresentação de Victory, o show musical mais caro, espetacular e mais emocionante dos últimos anos, montado Michael e seus cinco irmãos do conjunto The Jacksons. A festa se apresenta nos dois dias seguintes no maior estádio americano, primeira escala de uma turnê que nos próximos semanas levará Victory a cerca de quinze outros estados americanos e que desde já se destaca como um grande sucesso — de público, de cobertura da imprensa e possivelmente também de dinheiro, com uma receita bruta estimada em 50 milhões de dólares. Afinal, trata-se da primeira vez em que Michael Jackson sobe à sua pátria desde que, há dois anos, se tornou o maior fenômeno da música popular que o mundo conheceu desde os Beatles. Com 13 milhões de cópias vendidas de seu novo LP, Thriller, Michael é o autor do disco de maior sucesso nos charts e história da indústria fonográfica. Com 45 milhões de dólares depositados em sua conta bancária somente em 1983, é o músico mais bem pago do mundo. E, com uma longa infância sob o signo de uma nova geração musical americana, tornou-se um símbolo da cultura dos anos 80. Aos 29 anos de idade, ele poderia dar sua vida e obra por completa.

Victory é a grande oportunidade que 2,2 milhões de americanos — até o fim da tarde — terão para ver toda sua energia ao vivo. "Este vai ser o acontecimento dos próximos dez anos", diz o diretor de arte rádio de Kansas. "Vai poder não fazer mais quem está se aproximando. Mas que vez." De fato, não basta ouvir — o mais explosivo fenômeno musical dos últimos dez anos precisa ser visto. Em primeiro lugar porque, mais que um cantor ou compositor, Michael Jackson é um irrefutável mestre do palco: rudo se começa à feroz precisão de sua dança, inovadora e espalhafato, tem à sua marcante capacidade de manter sua música. "Quando entro em cena, é como um punho de estalaca: preciso o controle de meu mestre", ele diz. Em segundo lugar porque sua excepcional capacidade se tornou hábil, nos últimos anos, um mistério aos olhos do público — sua vida é secreta, revela-se em música e encenado por fantasmas que de vez em quando aparecem. Peter Pan, o menino que não queria crescer. Ou, então, um tratamento de Howard Hughes, o célebre milionário americano que morreu em 1950, como E.T.

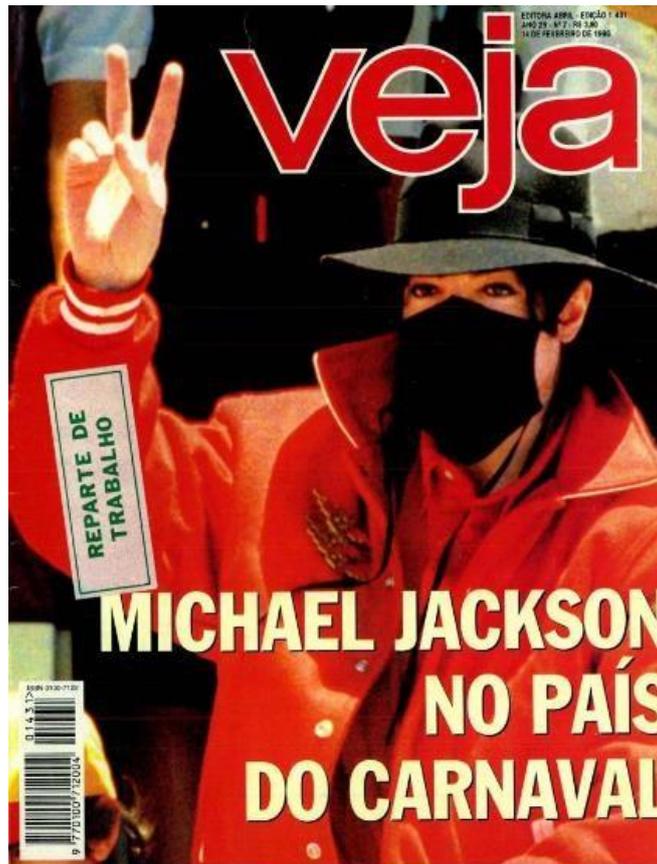
ACONTECIMENTO HISTÓRICO — Nada mais natural, assim, que a turnê de Michael Jackson e seus irmãos americanos: O dançarino em ação: "Quando entro em cena, preciso o controle de meu mestre"

VEJA, 18 DE JULHO, 1984

A matéria em questão destacava o sucesso do show e colocava o cantor como um ser de outro planeta

Entretanto, essa não havia sido a primeira vez que Michael aparecia nas páginas da Veja. Em janeiro desse mesmo ano, o astro aparecia pela primeira vez em uma matéria denominada "A dança do furacão" - na qual o cantor é tido como o maior fenômeno musical desde os Beatles. É interessante notar que se Michael dessa vez é posto como um ser fantástico pela grandiosidade do seu talento, algumas décadas depois a mídia usaria essa mesma analogia para explicar o comportamento peculiar demonstrado pelo cantor, seja por se cercar de crianças ou viver em um rancho chamado Neverland.

2.5 A ambiguidade e o princípio da desconstrução



O astro é novamente assunto de capa quando as gravações de seu clipe no país geraram embate com o governo

Novamente como matéria de capa, o cantor é destaque agora pela gravação do clipe da música

“They Don’t Care About Us”. Com uma capa predominantemente vermelha – cor que segundo o Dicionário de Símbolos está ligada a ambiguidade – pode nos fornecer uma ideia da maneira com que a história é conduzida, se a princípio a capa parece inofensiva, o conteúdo da reportagem possui outra abordagem. A matéria se inicia falando sobre a chegada de Michael Jackson no país e a discussão em torno das gravações do clipe que foi filmado no morro Dona Marta, no Rio de Janeiro e em Salvador, e a polêmica quanto à escolha do local da filmagem. Visto que o governo brasileiro estava pleiteando a candidatura para sediar os jogos olímpicos, e repudiou o fato de Jackson mostrar a pobreza que existia na então Cidade Maravilhosa. Porém, os insultos começam logo no primeiro parágrafo ao relatar o desembarque do cantor na capital baiana (“Michael Jackson desembarcou de máscara cirúrgica preta e, como é de seu feitio, apalpando um menininho”) em uma clara alusão às acusações de pedofilia enfrentadas por ele dois anos antes. A revista destaca de forma pejorativa que a decisão da equipe de Michael Jackson em fazer um clipe com apelo social, é uma tentativa de ir

contra a sua má reputação já estabelecida, enumerando xingamentos como: tarado, molestatador de crianças ou preto que se tingia de branco. Apesar disso, toda a reportagem é ilustrada com imagens de fãs de Michael, enlouquecidos com a sua chegada. Além de destacar relatos de moradores de como a projeção dada ao morro por estar em um clipe de Michael Jackson pode ajudar a transformar a realidade da comunidade. Outra vez, dando espaço para a dupla interpretação, a matéria é finalizada com uma citação do então ministro das Comunicações, Sérgio Motta que definiu o embate em torno do clipe como “discutir o sexo dos anjos”.

SOCIEDADE

O ridículo sururu pré-carnavalesco

Factóides sobem o morro e transformam o clipe de Michael Jackson num samba do crioulo doido

ALFREDO RIBEIRO

Sá por ação, a coreografia imaginária, por um razoável probabilidade de ser acionada na semana passada, na introdução de um famoso excêntrico envolvido de Nova York. Cenário ocupado por homens negros do show biz, tipos de frotas, jaquetas de couro e botas de calça enfiada no caso longo do terno, chinelos, minis chinelos, foco de luz sobre cada personagem em torno da ampla mesa de montagem, silêncio, ação.

— Esse senhor Coelho, ele é socialista, Spike?

— Não, Michael, ele é humanista!

Corta! O cantor Michael Jackson e o cineasta Spike Lee já conheciam vagamente o senhor Ronaldo César Coelho quando desembarcaram no Brasil na sexta-feira passada, para as filmagens de um videoclipe. Um primo de filmulação de Michael Jackson, desembarcou de músicas ciríngica preta e, certo é do seu filho, apalmando um narizinho.

O senhor Coelho ou, como agora se diz em Nova York, *Mister Rabbit* — secretário da Indústria, Comércio e Turismo dessa fábrica de cokolana — tão diversida quanto tona chamada Rio de Janeiro — ganhou notoriedade além das fronteiras fluminenses ao denunciar, há duas semanas, um esquemático plano de sociedade Jackson & Spike para denegar mundo ufo a ligação burguesa da Cidade Maravilhosa. As armas da dupla americana seriam as imagens que o cantor e o cineasta pretendiam gravar, no domingo 11, na favela do Morro Dona Marta, Zona Sul do Rio, fragmentos do videoclipe profissional da




sem desembarcar sensato (Humberto Perri). A sentença final saiu na quarta-feira, antevespera do desembarque de Michael Jackson em Salvador, primeira escala da produção do videoclipe para registro das cores do Pelourinho e dos tambores do Olodum. Na Bahia, o Indusbrasil preparativo da recepção ao cantor já havia começado quando a Sony, gravadora contratante de Michael Jackson, confirmou sua ida ao Rio, antes cancelada. A comunidade festejou do Dona Marta explodiu de alegria, mas a crítica de César Coelho nesse embestimento é relativa.

Apesar da fama de bobalhão que ganhou no episódio, Mister Rabbit conseguiu que seu nome ficasse conhecido. Está seguindo os passos do prefeito César Maia, outro político carioca adepto da tese de que perodar uma melancia no pescoço é uma elaborada estratégia política. O prefeito inventou até uma palavra para definir sua estratégia: chama de “factóides” as notícias falsas que inventa a todo de estuço nos jornais. As vezes, dá a impressão de sair todo estropeado dessas suas experiências, mas, depois, vê-se que não como

O ídolo pop e seus fãs: Michael Jackson chegou a Salvador na companhia de duas crianças indolentes e foi recebido no Rio por seguidores do Morro Dona Marta

A matéria com o tom irônico enfatizam a disputa para as gravações do clipe e a tentativa de Michael de passar uma imagem de bom moço

2.6 A DEMENCIA DE UM ASTRO – Quando tudo veio abaixo

Música

UM SER DE OUTRO PLANETA

Vodu, amizade íntima com crianças e nariz postiço. Assim é o bizarro mundo do cantor Michael Jackson

Marcelo Martão

É quase a constatação, mas a lista de fatos bizarros em torno do cantor Michael Jackson não pára de crescer. Na semana passada, foi a revista americana *Vanity Fair* que trouxe à tona revelações estranhas. Uma delas diz que o cantor, depois de inúmeras cirurgias plásticas que desvirtuam a carilagem nasal, já não tem mais nariz, e precisa recorrer a uma prótese para circular em público. A história mais espantosa, no entanto, fala do envolvimento de Jackson com o vodu. Sim, você leu certo: vodu. Segundo a revista, em meados de 2000, o astro viajou à Suíça para participar de um estranho ritual. Decidiu-o a se vingar de seus desafetos, ele pagou 150.000 dólares para que um bruxo africano conhecido como Baba realizasse uma cerimônia de vodu com 25 pessoas, entre as quais vários de seus ex-coliaboradores e alguns petros grandes do showbiz. No ritual, foram sacrificados 42 bois. "Douglas, Steven Spielberg, Deshaespa, David Geffen", arrolou o Baba, referindo-se, respectivamente, ao cineasta que dirigiu *E.T.* e a um dos maiores empresários da indústria do entretenimento. Jackson estaria ressentido com Spielberg por não ter sido escolhido para encarnar Peter Pan, seu personagem predileto, no filme *Hook* (1991) — papel que cabia ao ator Robin Williams. E encorajado em Geffen o desafio de uma "máfia gay" que buscava suas intimidades de fazer carreira em Hollywood. De acordo com a *Vanity Fair*, essa

ráio foi a única vez que Michael Jackson recorreu à bruxaria. Algum tempo antes, ele havia se submetido a um banho purificador em sangue de ovelhas, com o objetivo de executar seus problemas financeiros. O descarte foi arrojado por uma misteriosa agência, que se apresentou ao astro com uma carta de recomendação de um certo figurão árabe, o príncipe Nawaf Bin Abdulaziz Al-Saud, atual chefe do serviço de inteligência da Arábia Saudita. O efeito da reportagem da *Vanity Fair* é particularmente devastador neste momento, pois completa o quadro grotesco pintado pelo documentário *Living with Michael Jackson* — exibido na Inglaterra e nos Estados Unidos no começo do mês passado, e no Brasil no último dia 2, pelo canal pago Sony. Produzido pelo jornalista inglês Martin Bashir, o polémico programa — que a Rede Globo pode vir a transmitir em breve — contém cenas chocantes do autoproclamado Rei do Pop. Por exemplo: Jackson, que no começo dos anos 80 sofreu acusações de pedofilia, admite que ainda ho-

je divide sua cama com crianças (veja quadro abaixo).

Não é exagero dizer que Jackson foi um boneco tão influente na cultura pop dos anos 80 quanto Marilyn Monroe na década de 50 ou os Beatles, na de 60. A música negra americana não seria o que é hoje sem álbuns como *Off the Wall* (1979) e *Thriller* (1982). Ele também popularizou o apertadinho e o break, aguçou a curiosidade em que os dançarinos se movimentam como bonecos. Jackson vendeu 110 milhões de discos ao longo da carreira e faturou

CENAS DA TERRA DO NUNCA

Exibido pelo canal pago Sony no domingo passado, o documentário *Living with Michael Jackson* traz cenas inéditas da intimidade do astro. O programa causa perplexidade ao mostrar que Jackson é mais do que excêntrico: em sua vida, não há um único aspecto normal.

Diversão em sua propriedade, na Califórnia, Jackson possui brinquedos como uma pista de kart. Mas ele gosta mesmo é de fazer guerra com bichos-chéias de água.

Comprei um shopping center, em Las Vegas, o cantor terror 6 milhões de dólares de uma só tacada, sem conferir preços e sem sequer avaliar aquilo que adquiria.

Crianças: Jackson, que há dez anos foi acusado de pedofilia, acha natural dividir seu quarto com garotos. É o caso de Gavin, de 12 anos, com quem surge em cena de mãos dadas.

Filhos: depois de chocá-lo numa varanda de hotel, Jackson dá mamadeira a Prince Michael II — já sequestrado por um vodu, como seus irmãos mais velhos.

106 17 de março, 2003, veja 107

A revista dá grande destaque a recente polêmica do documentário que mostra uma imagem manipulada de Michael Jackson

Tudo veio a calhar na edição de março de 2003 da revista quando as excêntricas de Michael Jackson voltaram a ser motivo de capa. Desta vez, a publicação não poupa insultos e é direta, o chamando de demente logo no título. Se Jackson era descrito como um ser de outro planeta na década de 80 pelo seu enorme talento, dessa vez, essa anormalidade está associada ao seu comportamento e não mais as suas habilidades como outrora. Grande parte do conteúdo da reportagem de três páginas se baseia em uma matéria da revista norte-americana de fofocas *Vanity Fair* e alega que Jackson estaria usando uma prótese no nariz devido ao excesso de intervenções cirúrgicas, além de estar se envolvendo com rituais de vodu³. As histórias parecem tão loucas que Michael Jackson parece ter previsto, como demonstra um trecho de uma entrevista dada pelo cantor ao jornalista J. Randy Taraborrelli – biógrafo do cantor (aspas do autor).

"Porque você simplesmente não conta às pessoas que eu vim de Marte? Diga a elas que eu como galinhas vivas e faço danças e vodu à meia noite. Eles irão acreditar em tudo que você disse, porque você é um repórter." Mas se eu, Michael Jackson, dissesse, "Eu sou um alien de marte, como galinhas vivas e faço danças e vodu à meia noite" as pessoas diriam "Oh, cara, esse Michael Jackson é louco."
"Você não pode acreditar em uma palavra que sai da boca dele."

Além dessas estranhas acusações, a revista aproveita para explorar a mais recente polêmica envolvendo o cantor, o documentário produzido pelo jornalista britânico Martin

Bashir chamado "Living with Michael Jackson" que causou furor ao ser exibido graças às declarações de Michael que aparece de mãos dadas com um menino e alega não ver maldade em dividir a cama com uma criança, além da cena que rodou o mundo de Jackson expondo seu filho recém-nascido na sacada de um hotel na Alemanha. A revista especula ainda que o cantor teria aceitado fazer o documentário como uma maneira de limpar a sua imagem e por isso permitiu mostrar a sua casa, sua rotina e seus filhos. Porém, o tiro saiu pela culatra e as imagens foram apresentadas de maneira bem duvidosa, a matéria também fala sobre a produção de um documentário independente produzido pela produção de Jackson com as filmagens na íntegra da peça. As plásticas também não fugiram da pauta, contando inclusive com um painel com uma montagem de fotos que comparam diferentes fotos da carreira de Michael Jackson, numa tentativa de especular quantas cirurgias ele teria feito, e que certamente não seriam somente as duas que ele admitiu, como é explicitado no título dessa montagem ("E ele ainda diz que foram só duas plásticas")

2.8 A resignação e a reconstrução do mito



O verbo resignar tem sua origem no latim e de acordo com o Dicionário Aurélio significa desistir de algo em favor de outrem – ou seja, a morte de alguém normalmente causa a resignação do ser humano, fazendo com que nos esqueçamos dos defeitos ou das críticas focando somente no que é bom. A mídia faz a mesma coisa com seu acervo de mitos, mas de uma maneira muito mais brusca e súbita. É interessante notar que as notícias que falavam da internação de Michael Jackson ainda o tratavam como polêmico e anunciavam a sua repentina volta aos palcos com a turnê This Is It como uma estratégia para tirá-lo de uma suposta falência. Assim que a sua morte foi anunciada, instantaneamente o polêmico foi trocado por famoso e o freak por icônico na hora de se referir ao cantor. E assim como todas as outras mídias, a Veja agiu da mesma forma.

Com uma de suas capas mais marcantes, a revista prestou seu tributo em uma edição especial dedicado a morte do ídolo. A arte da referida edição é marcante por ser predominantemente preta com apenas a característica luva de Michael ao centro. Certamente um uso apropriado da parte pelo todo - de modo a cristalizar um dos vários

símbolos que o cantor fez eternizar durante sua carreira. Ao observar o formato que a luva toma na capa, podem ser interpretados dois significados mais aparentes-, o primeiro deles como se fosse um aceno - em sinal da despedida de Jackson ou ainda o sinal de "OK" feito com as mãos na tentativa de representar que apesar de todas as polêmicas e sofrimentos passados pelo Rei do Pop nos últimos anos, sua morte decreta e de muitos modos concretiza um legado como o de um dos maiores artistas da história.



A parte elucidada na capa dá sentido ao todo que constrói a imagem de Michael Jackson durante a performance de Billie Jean, um de seus números mais famosos e ilustra a matéria de nove páginas a respeito de sua morte.

O título "Uma lenda envolta, em mistério, dentro de um enigma" faz alusão a uma frase de Winston Churchill e está explicado logo no início como uma perfeita analogia do significado que foi a trajetória do artista. Logo nessa introdução, Michael já é comparado com Frank Sinatra e Elvis Presley e sem poupar elogios, já destacam sua importância para a música em um nível revolucionário, enfatizando que o Rei do Pop quebrou barreiras raciais e elevou a dança de rua à categoria de arte.

O mais interessante, porém, é quando a matéria destaca que suas extravagâncias eram justificadas por sua grandeza.

"o que é um ícone pop: alguém que vive em um mundo em que as únicas regras a seguir são as próprias regras"

Essa afirmação desconstrói qualquer característica bizarra que durante anos foi imposta pela mídia, reduzindo-as agora como conseqüências de sua grandeza. No decorrer da matéria é relatado detalhadamente a comoção que a sua morte criou gerando o luto de milhares de fãs ao redor do mundo. Também são abordados os impressionantes números de sua carreira, sem desmerecer seus últimos álbuns que não costumam ser tão lembrados como os lançados durante os anos 80.

Michael Jackson

1971 1979 1983 1988 2000 2003 2009

O AVESDO DO AVESDO

Michael Jackson passou a infância trabalhando como um adulto. Af, cresceu e dedicou a maior parte de seu tempo a agir como criança e a querer provar que isso era a coisa mais natural do mundo

LEIA ENTÃO
Ele é uma rara entrevista, dada à revista *Time*. Joseph Jackson, o pai de Michael, descreve o filho no mais famoso: "Ele é muito tímido. Quer dizer, tímido diante de poucas pessoas. No palco, na frente de milhares, ele se solta. O rapaz adora estradas. Tem um fúria, dois corções, um canário, uma cobra, três papagaios, dois casais de cães, um negro e um branco, alguns porcos. É religioso mais do que os irmãos" e acrescenta: "radical". Tem um carinho de pipoca e uma máquina de fazer sorvete — e sempre convide crianças para compartilhar com ele essas "delícias". A carta acima, a mãe, Katherine, interrompe: "Faltou que ele é gay. Michael não é gay. Isso foi como a religião, como Deus". A entrevista é de 1984. Michael Jackson tinha 25 anos, ainda morava com os pais. Já se vislumbravam ali os esboços da esquizofrenia, atribuída e desqualificada figura que ele viria a ser pelo resto da vida: nem preto, nem branco, nem homem, nem mulher, nem

adulto, nem criança — ou, colocado de outra forma, preto, branco, homem, mulher, adulto e criança.
 Joseph e Katherine, pai e mãe, Peter Michael. A ambição dos pais não colhecia frutos. Aos 6 anos, Michael se separaria maior estrela do grupo criado por eles. Acabava-se ali sua infância. Encontra o dia inteiro — "Às vezes, saía para fora, via as crianças brincando e chorando" — como em entrevista à apresentadora Oprah Winfrey, em 1993. Se os irmãos estavam em posse de uma vida, o pai se interessava como um tremador de zumbido de cinco. Lembrou Michael na entrevista a Oprah: "Ele partia para cima da gente... Fazíamos muito barulho nos estudos porque ele ficava sentado numa cadeira, com o rosto no chão, e se alguma coisa não saía direito ele via para cima, sem air". De lá acrescentou, "Outra vez que ele chegou perto e eu vestia-lava", Jackson pai conta que o filho prosseguiu sua vida, criticava o resto com espírito e era de seu nariz "vassouras". Não "muito felizes" anos da puberdade, ele "chorava todos os dias". O começo

da carreira musical foi em boates e palcos de prostituição de badama. Em um deles, forçado pelos irmãos mais velhos, Michael perdeu a virgindade e gostou mais em se tornar para começar vida adulta. O pai desistiu, a mãe muito religiosa mas indiferente aos maus-tratos, a fama, o isolamento, a fragilidade emocional, o avesso como uma criança e a dos irmãos se trata — as três, Robbie, Janet e LaToya, também se prostituíram como cantoras, mas no limite mínimo da modéstia, de, tudo isso moldou a personalidade de Michael Jackson. Seu caso se encaixa como exemplo acabado dos marcos históricos de psicologia, em especial nos

A BUSCA DA IMAGEM PERFEITA
 Jackson foi segurado em um hospital em 1985. A partir daí, dedicou-se ao projeto de ser o novo ídolo — o que, para ele, significava ser a perfeição. Alguns anos depois, após alguns anos de tratamento, ele passou a ser conhecido como o "Rei do Pop". Para não ficar velho, ele passou a ser conhecido como o "Rei do Pop". Para não ficar velho, ele passou a ser conhecido como o "Rei do Pop".

Entretanto, a reportagem não deixou de falar a respeito das inúmeras polêmicas do cantor. Essa parte está encabeçada pelo título de "O avesso do avesso" e bate em cima das inúmeras contradições que permearam sua carreira. A criança que trabalhou como adulto ou o negro que "virou" branco. É evidente que a revista que sempre trabalhou com a polaridade, fosse abordar uma figura como Michael por meio de seus contrastes, por outro lado, o que a *Veja* intitula de "avesso", pode ser interpretado também como construção e desconstrução.

Caso o título escolhido fosse mudado para "A construção da desconstrução" ainda sim manteria o sentido, visto que a revista optou por abordar todas as polêmicas de Michael na matéria, mas não dar o enfoque nisso por se tratar de uma edição tributo e mais ainda porque agora a mídia tinha o interesse de eternizar a imagem da recente morte de Jackson como um rito de passagem na sua eternização como lenda pop.

Conclusão:

Diante do material exposto é possível inferir a escolha de palavras e significantes atribuídos a imagem do cantor Michael Jackson. Com a finalidade de sustentar o discurso empregado pela Revista Veja. Ao atingir o estrelato nos anos 80, sua imagem antes associada a de um herói, foi se enfraquecendo a cada nova matéria que saía a seu respeito, um tom que valorizava mais seu comportamento visto como excêntrico em detrimento das suas habilidades artísticas. Todavia, com sua repentina morte o mito renasce e todas as polêmicas abordadas no passado pela revista, servem como justificativa para acentuar ainda mais as características daquele que agora é tido como gênio.

Referências Bibliográficas:

A *HISTÓRIA* de um anjo decaído, Revista Veja, São Paulo, Ed. 1830, nº 47, 26 de novembro de 2003, Disponível em:

<<https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/32671?page=134§ion=1>> Acesso em: 26 de abril de 2016

BARTHES, R. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Bertrand. 1999

CADMAN, C.; HALSTEAD, C. *Michael Jackson: For The Record*. New Generation Publishing 2009.

CALEIRO, Maurício. A morte como espetáculo. Observatório da Imprensa, São Paulo, julho de 2009. Disponível em:

<<http://observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitas/a-mortecomoespetaculo/>>. Acesso em: 22/11/2016

CARDOSO DE CAMPOS, M.T. *A mitificação miditica*, v.2, n.2, novembro de 2008, Belo

Horizonte, MG, UNI-BH, 2008. Disponível em:

<<http://revistas.unibh.br/index.php/ecom/article/viewFile/519/297>> Acesso em: 24 de abril de 2016.

CAMPBELL, J. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cutrix/ Pensamento, 1997

CAMPBELL, J. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1997

DEZIDERIO, B. *A construção da imagem de um ídolo através dos meios de comunicação: O mito de Michael Jackson*, 2014. Disponível em: <<http://monografias.brasescola.uol.com.br/comunicacao-marketing/a-construcao-imagemum-Idolo-atraves-dos-meios-comunicacao-mito-michael-jackson.htm>> Acesso em: 23 de abril de 2016

ECO, U. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1979

FINOTTI, I. ; SOALHEIRO, B. *Michael Jackson: O peão do pop*. SUPER interessante, São Paulo, março de 2004, edição 198. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cultura/michaeljackson-peao-do-pop>> . Acesso em: 23 de abril de 2016

FRANÇA GUSMÃO, C. *A representação jornalística da celebridade sob a ótica do infoentretenimento* do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), 2010, Brasília. Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1164/2/20715949.pdf>>. Acesso em: 02/11/2016

LINHARES, R. N.; MOTA, R. *A educação para a mídia e a revisão do mito midiático*. In: 2º Simpósio Educação e Comunicação: As redes sociais e seu impacto na cultura e educação no século XXI da Universidade Tiradentes, 2011, Sergipe. Disponível em: <http://ww3.unit.br/simposiodeeducacao/files/2011/08/texto_rafael-e-ronaldo.pdf>. Acesso em: 23 de abril de 2016

MARTINS ESCUDEIRO, M. *Máscaras: Etimologia Iconográficas na representação imagética de Michael Jackson* da Universidade Paulista, 2012, São Paulo. Disponível em: <https://www.unip.br/ensino/pos_graduacao/strictosensu/comunicacao/download/comunic_m_arciamartinsescudero.swf>. Acesso em: 02/11/2016

MORIN, E. *Cultura de massa no século XXI*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011

NOVAES P. C, Cláudio. Prefácio. In. RIBEIRO DO VALLE, Maria. “Veja, sociedade do espetáculo e indústria cultural”. 2014, Jundiaí, São Paulo. Editora In House. Disponível em: <<http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/07/TEORIA-CRITICA-E-SOCIEDADEDO-ESPETACULO-pdf-para-site.pdf>>. Acesso em: 22/11/2016

Contatos: caarol_mjj@hotmail.com (IC), fran.periago@mackenzie.br (Orientador)